

AO HOMEM SELVAGEM

STROPHE 1.^a

O' homem, que fizeste? tudo brada;
Tua antiga grandeza
De todo se elipsou; a paz dourada,
A liberdade em ferro se vê presa,
E a pálida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te criou, a imagem pura.

ANTISTROPHE 1.^a

Na citara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôs Cantor profano;
Emprestou-m a Verdade, que as primeiras
Canções n'ela entoara; e o vil Engano,
O erro desumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

EPODE 1.^a

Dos Céus desce brilhando
A altiva Independência, a cujo lado
Ergue a razão o ceptro sublimado;
Eu a ouço ditando
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

STROPHE 2.^a

Que montão de cadeias vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante
Com pena de diamante,
Em breves regras escrevem no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE 2.^a

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta

Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véu da Antiguidade,
Que á luz esconde a tua idade.

EPODE 2.^a

Da dor o austero braço
Sinto no afliito peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
O' Céus! que imenso espaço
Nos separa d'aqueles dores anos
Da vida primitiva dos humanos!

STROPHE 3.^a

Salve, dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho iluminava,
Quando da natureza sobre o colo
Sem temor a inocência repousava,
E os ombros não curvava
Do déspota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE 3.^a

Dos fervidos Etontes debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha,
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte alçando.

EPODE 3.^a

Saiu do centro escuro
Da Terra a desgrehnada Enfermidade;
E os braços com que, unida a Crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo as campinas vai talando,
E os míseros humanos lacerando.

STROPHE 4.^a

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fia a mão de Ventura:
No rosto a liberdade traz pintada

De seus sérios prazeres rodeada.

ANTISTHOPHE 4.^a

Desponta, cego Amor, as setas tuas:
O pálido Ciúme,
Filho da Ira, com as vozes suas
N'um peito livre não acende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que ele indo após a doce Natureza
Da Fantasia os erros nada preza.

EPODE 4.^a

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do Sábio tornam a morada dura.

STROPHE 5.^a

Eu vejo o mole sono sussurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frouxo Caraíba que encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Tétis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

ANTISTROPHE 5.^a

O' Razão, onde habitas?.... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?.... Dize.... aonde?
Eu te chamo, o filosofo! responde.

EPODE 5.^a

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e criadora,
Nos vales já sombria,
Apenas aparece; assim me prende
O homem natural, e o Estro acende.

STROPHE 6.^a

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquele ímpio tirano
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do meu e teu o grito desumano
Fez soar em sem dano;
Tremeu a sossegada Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empresa.

ANTISTROPHE 6.^a

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Tê que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seu lançando
Os crueis Erros, e a torrente ímpia
Dos Vícios, que combatem, noite e dia.

EPODE 6.^a

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite: e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantou o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA DO GENERAL STOCKLER.

Esta Ode onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais belas composições deste gênero escritas na língua Portuguesa, e talvez mesmo que em todas as línguas vivas, foi composta no ano de 1784, tendo o autor apenas vinte e um anos de idade, por ocasião de uma disputa que, em conversação amigável, casualmente se levantou entre mim e ele, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João Jacques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a ocasião que motivou a nossa pequena controvérsia. Para terminá-la convidei eu o meu amigo a seguir friamente os meus raciocínios na Analise daquele eloquente discurso, procurando fazer-lhe sentir a falta de logica, que em quase todo ele se observa, quando refletidamente se examina. Não era por certo fácil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analisar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão, é toda fogo, como quase todos os escritos que saíram da pena daquele homem extraordinário. Como quer que fosse, sempre conviemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria belo para se desenvolver em uma composição poética; e para que a nossa lembrança não ficasse inútil, ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia prometia eleva-lo ao primeiro lugar entre os poetas líricos Portugueses, compusesse uma Ode Pindárica, na qual expusesse com toda a pompa, e magnificência poética, o paradoxo de João Jacques Rousseau, em tanto que eu indicaria em uma Ode Horaciana a verdadeira origem, e as mais imediatas vantagens do estado social.